

ENSINO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: Sua história e seus desafios

Jucinara Ferreira Alves ¹
Eliana Lourenço de Souza ²

RESUMO

Síndrome de Down é uma limitação que impõe múltiplos desafios não apenas para a criança mas também a todos os seus familiares. A síndrome de Down ocorre por conta de uma desordem cromossômica, que resulta na trissomia do cromossomo 21, tendo como fator de risco predominante a idade materna avançada, geralmente, acima de 35 anos. A educação destas crianças passou a ser obrigatória a partir da LDB 9.393/96, no qual garante a todos o direito a educação na escola regular de ensino. Porém, embora seja muito discutida, nota-se que ainda há dificuldades para a inclusão destes alunos, seja pelo despreparo dos professores ou pela falta de estrutura da escola. Por conta de sua dificuldade intelectual o processo de alfabetização e desenvolvimento torna-se comprometido dificultando a concentração e com isso o processo é mais demorado. Por isso é preciso que o professor tenha melhor preparo para integrar e auxiliar as crianças com Down na escola. Para que haja de fato uma aprendizagem satisfatória é essencial que o profissional conheça os métodos que contribuirão para que o aluno se adapte e adquira conhecimento, tornando indispensável a discussão a respeito da temática. A partir de uma pesquisa bibliográfica será analisado como ocorre o processo de aprendizagem destes alunos.

Palavra-chave: Educação especial, Aprendizagem de crianças SD, Direto a Educação.

INTRODUÇÃO

Apesar dos estudos envolvendo a síndrome de Down ter evoluído de forma expressiva no meio acadêmico, ainda nos deparamos com muitas objeção quanto ao ensino destes alunos. Muito se fala nos processos de inclusão, mas poucos dispõem-se a buscar métodos que auxiliam na aprendizagem e a inclusão dos mesmos. Por se tratar de uma deficiência que atinge o desenvolvimento intelectual, o processo de aprendizagem torna-se mais difícil e com mais obstáculos trazendo para o professor um desafio a mais para concretizar com eficiência esse processo.

É muito comum encontrarmos crianças com deficiência/distúrbios no ensino regular, porém ainda á muito a se aprender sobre isso, é preciso que a escola juntamente com o corpo docente busque sempre se atualizar para oferecer ao aluno um ensino de qualidade e uma real inclusão. É comum depararmos com situações em que o professor não sabe se colocar perante a dificuldade do aluno, uma vez que não buscar conhecer e estudar sobre o assunto.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, juciferreira206@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, elianalousoouza13@gmail.com.

Um aluno com Síndrome de Down tem o desenvolvimento mais lento do que o de crianças sem distúrbio, mas não quer dizer que ela não possua a mesma capacidade de aprendizagem do que qualquer outra. Seu desenvolvimento dependerá de sua interação com o meio em que ela vive, por isso, a importância dela frequentar o ensino regular e fazer amizades com crianças sem distúrbio/deficiência.

Quando há interação entre ambas, o benefício é mútuo pois, a criança sem deficiência desenvolve atitudes positivas em relação ao outro, como o respeito, a tolerância, como também amplia seu diálogo e a uma abertura maior para com outro. Já a criança com Síndrome de Down ao conviver com crianças sem deficiência, ela aprende a se socializar, seus colegas são vistos como exemplos de comportamentos, principalmente quando são da mesma idade, desta forma a criança com SD tende a reproduzir o que se passa em seu meio social, com isso, ela vai se comportando de maneira adequada para sua idade além de desenvolver seu lado emocional e social.

A partir deste princípio, esse estudo objetiva analisar quais os obstáculos encontrados por alunos com síndrome de Down no desenvolvimento da aprendizagem, mediante levantamento bibliográfico a respeito do tema. Visando incentivar os educadores a revisar seus métodos de ensino propiciando os alunos portadores dessa Síndrome um processo de inclusão plena, dando-lhe não apenas direito a inserção na rede de ensino, mas, ainda condições para permanência.

Esta pesquisa é de grande relevância no meio acadêmico por se tratar de um problema recorrente no âmbito educacional, sabendo que irá auxiliar tanto os professores com os alunos em sala de aula além de concretiza-los em relação a importância da inclusão que pode promover o desenvolvimento dos alunos como também proporcionar a eles uma educação eficiente e satisfatória.

METODOLOGIA

Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, trata-se de uma discussão a respeito da alfabetização de crianças com Síndrome de Down. Para a realização deste, foi escolhida a metodologia pesquisa bibliográfica, tendo em vista que a mesma nos possibilita explorar com mais detalhamento o que foi escrito por outros autores de forma que permite buscar respostas e resolver dúvidas recorrentes ao processo de pesquisa. Segundo Boccato (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições

científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (apud PIZZANI et al. 2012, p. 54).

A pesquisa bibliográfica traz para o pesquisador a possibilidade de explorar um amplo acervo já produzido por autores do mundo todo, permite acesso a diversos temas e diversas abordagens, cada uma com sua particularidade e com isso, a análise de pontos de vista de vários ângulos.

Neste trabalho, objetiva-se analisar quais dificuldades encontradas pelos alunos com Síndrome de Down no processo de aprendizagem. Visando observar como são aplicados os métodos utilizados pelos docentes para com estes alunos.

Para identificar tais dificuldades serão analisados estudos feitos por autores que trabalham na área: como Vygotsky apud Pacheco e Oliveira, Junior e Lima, Gomes e Oliveira. Sendo está uma maneira de recolher dados mais precisos com o máximo de descrição, possibilitando uma análise mais detalhada sobre as dificuldades enfrentadas e desta forma ter clareza sobre a temática.

Histórico da Síndrome de Down

Síndrome de Down é uma condição crônica que impõe múltiplos obstáculos não só a criança mas também a todos os seus familiares. Trata-se de uma desordem cromossômica, a trissomia do cromossomo 21, tendo como fator de risco preponderante a idade materna avançada, geralmente, acima de 35 anos.

Os primeiros relatos a respeito da Síndrome de Down ocorreram nos anos 1864 a 1866 pelo médico Jonh Langdon Haydon Down. A partir do surgimento de crianças com características físicas diferentes das demais. Interessado nesta temática, o Dr. Down começou a se aprofundar cada vez mais em estudos para descobrir algo a mais sobre esta “anomalia”. A princípio, o médico utilizou o termo “mongoloide” para se referir a estes indivíduos, pois para ele, existia uma grande semelhança com o povo mongol.

Assim que começaram a surgir os primeiros casos, os indivíduos que apresentassem tais características eram mortos, massacrados ou abandonados, pois a sociedade acreditava que os mesmo eram “bruxos” ou traria maldição para o mundo, ficando assim, a síndrome de Down marcada pelas intolerância religiosa e cultural.

A causa desta síndrome permaneceu desconhecida até que em 1959 os cientistas Jerome LeJeune e Patricia Jacobs trabalharam de forma independente e a partir de estudos feitos por eles, identificaram que todas as crianças que apresentavam esta deficiência tinham 47

cromossomos, e não 46 como em crianças “normais”, assim percebeu-se que a real causa era a presença de um cromossomo a mais e então foi deixado de lado o termo “mongoloide” para chamar de trissomia 21, como passou a ser conhecida posteriormente. (GOMES e OLIVEIRA, 2008)

Com os avanços científicos, os estudos a respeito da Síndrome de Down foi se inovando e atualizando. Hoje ela é vista como uma anomalia genética causada pela multiplicação do cromossomo 21, que pode ser ocasionada tanto pela idade avançada da mãe, que a partir dos 35 anos já aumenta os riscos, como pode ocorrer por conta do mosaicismos que é quando o indivíduo apresenta matérias distintos. Geralmente esta falha genética é causada por conta de uma mutação elevada precocemente do desenvolvimento, causando uma não disjunção das células na formação do zigoto. (JUNIOR e LIMA, 2011).

A Síndrome de Down, não é uma doença e nem deficiência. A mesma é uma falha genética que acontece durante a divisão celular do embrião. Este problema genético, acaba comprometendo também o desenvolvimento motor da criança, pois seus músculos trabalham lentamente por conta do atraso do desenvolvimento mental. Deste modo, é de suma importância que seja estimulada o desenvolvimento neuropsicomoto desde os primeiros dias de vida, visto que, a crianças que tem um convívio com familiares ou amigos mais forte costumam se desenvolver mais rapidamente, provando que os mesmos tem um grande potencial de desenvolvimento.

Acontece que, por existir paradigmas que tratam estes alunos como incapazes, a família e a escola acaba os privando de seus direitos e do convívio no meio social, impossibilitando o mesmo a ter um desenvolvimento mais eficiente. Por conta disso, é importante que tanto a escola quanto a família estimule estes portadores a conviver com outras pessoas, pois para Vygotsky (1997) apud Pacheco e Oliveira (2012):

A deficiência não pode ser reduzida aos seus componentes biológicos, como lesões cerebrais, malformações orgânicas e alterações cromossômicas, as quais ele define como deficiência primária. A deficiência também pode ser secundária quanto é decorrente das mediações sociais, ou seja, quando o meio sócio-cultural em que as crianças com deficiência estão inseridas, cria barreiras físicas, educacionais e atitudinais (VYGOTSKY, 1997 apud PACHECO E OLIVEIRA, 2012, pág. 4).

É importante compreender que, apesar de a síndrome de Down ser uma deficiência cognitiva, não se pode limitar o portador, pois para que ocorra seu desenvolvimento não dependerá apenas de sua condição biológica, mas de sua vivência com o social.

Um portador de SD pode apresentar: hipotonia, olhos distantes, mãos pequenas e largas, baixa estatura, baixa implantação das orelhas, nariz pequeno com base nasal achatada,

hiperflexibilidade das articulações, face larga e achatada, língua projetada para fora da boca, genitais hiperdesenvolvidos, excesso de pele na nuca, cabelo liso e ralo.

Alguns problemas de saúde podem afetar crianças SD, como explica Mustacchi apud Villon e Limas (2017) como:

Problemas auditivos, oculares, hematológicos, ósseos e vários outros também são bastante habituais, além de doenças cardíacas. Outra constatação é que eles têm maior incidência de infecções e de problemas gastrointestinais, epilepsia e disfunção da tireoide também não são raros (MUSTACCHI apud VILLON E LIMAS, 2017)

A SÍNDROME DE DOWN NA PERSPECTIVA SOCIAL E EDUCACIONAL

Segundo Vygotsky (1996) o avanço das funções psicológica superiores ocorrem quando o social e o biológico se unem. Desta forma, quando há um desequilíbrio entre estes dois fatores, ocorre um desequilíbrio também no desenvolvimento.

Para melhor explicar esta relação, Vygotsky criou a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que busca compreender os níveis de desenvolvimento da criança, respeitando o que já consegue fazer sozinho, seu potencial para fazer algo com a ajuda de um mediador e aquilo que não conseguirá fazer nem com a mediação. Deverá desta forma, entender que cada um aprenderá no seu ritmo e de sua maneira.

De acordo com Vygotsky (1991):

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. (VYGOTSKY, 1991. Pag. 58).

Desta forma, proporcionará não só ao professor, mas também ao aluno uma maior interação e compreensão das dificuldades e do avanço do outro a tal modo que contribuirá ao seu desenvolvimento.

Para Vygotsky (1994) apud Júnior e Lima (2011):

Portanto se alguém aprende a fazer bem uma única coisa, também será capaz de fazer bem outras coisas sem nenhuma relação, como resultado de alguma conexão secreta. Assume-se que as capacidades mentais funcionam independentes do material com que elas operam, e que o desenvolvimento de uma capacidade promove o desenvolvimento de outras. (VYGOTSKY, 1994 apud JÚNIOR E LIMA, 2011 p.82).

Portanto, é importante que a escola esteja sempre à disposição para promover um processo de inclusão ao aluno, de forma que abranja suas dificuldades e o integre ao meio social. Pois quando a criança está inserida na escola regular mas não acompanham o mesmo ritmo da

sala, os pais acabam se frustrando e com isso acabam transferindo seus filhos para instituições especializadas, os privando de conviver com todos os tipos de pessoas, prejudicando assim o aluno.

Muitas escolas por não possuí funcionários com preparo suficiente acabam não permitindo que a inclusão aconteça de forma satisfatória, ocasionando em uma exclusão prejudicial para elas. A inclusão feita de maneira adequada promove resultados de grande valia para o desenvolvimento da criança pois permite que ela construa uma autonomia e desenvolva sua autoconfiança e quando feita de modo inadequado, acaba provocando um alto índice de repetência e evasão dessas crianças.

A escola, é intimada a receber qualquer aluno com necessidades especiais na rede regular de ensino, para que haja de fato o cumprimento dessa acessibilidade, foi criada em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no qual assegura que:

Art. 58 . Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular. (BRASIL, 1996).

A diversidade em sala de aula, enriquece o conhecimento de outras crianças e do professor, permitindo a troca de experiências entre os alunos e com isso, o portador de Síndrome de Down terá seu desenvolvimento mais adequado e significativo.

Uma criança com SD, devem frequentar a escola desde os primeiros anos de vida, pois não deve haver distinções entre elas e crianças que não possui dificuldades. Desta maneira, é importante que a escola busque maneiras de oferecer uma melhor inclusão, sem que cause uma segregação.

Uma maneira de incluir, é unir família e escola, uma vez que com o incentivo da família o aluno passa a ter mais disposição e autoconfiança para frequentar a escola, por outro lado, a escola deve proporcionar ao aluno, um currículos adaptados, para que aos poucos a criança possa ir se integrando ao âmbito educacional, porém, os professores devem ter o olhar crítico, para que não haja acomodação, sempre buscar desafios para estes alunos é uma forma de, cada vez mais estimular seu cognitivo como também sua criatividade.

Quando uma criança com Síndrome de Down frequenta uma escola regular, passa a interagir com o seu meio, e com isso vai desenvolvendo sua autonomia como também sua

comunicação. Desta forma, desde cedo ela vai progredindo em seu desenvolvimento, uma vez que quando posta em um meio social vai estimulando seu cognitivo.

O desenvolvimento individual de uma criança Down se dará a partir do cuidado que ela recebe, por isso é de suma importância que desde seus primeiros anos de vida a criança participe do ensino regular, frequente lugares diversos, pois com isso ela se beneficiará, como também ajudará outras pessoas ao seu redor.

Uma criança com Down, não deve ser tratada como uma incapaz, uma vez que ela tem tanto potencial como qualquer outra criança. Uma educação inclusiva permite não só o aluno portador de alguma dificuldade, como aquele não tem nenhuma anomalia um sentimento de igualdade, de direito. Quando uma criança convive com outra que porta alguma deficiência, ela passa a compreender melhor a realidade da outra, passa a enxergar o outro como semelhante e não com rejeição. Desta forma, quando uma escola se torna inclusiva, ela proporciona vantagens a todas as crianças, seja ela portadora de necessidades especiais ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é um tema cada vez mais frequente no âmbito educacional, vários países buscam realizar estudos ao seu respeito. Através da pesquisa foi possível compreender que a interação é benéfica para os alunos seja ele portador de alguma deficiência ou não. Ainda se nota muitos desafios a respeito da Síndrome de Down, tanto na área de estudos como na preparação dos profissionais que são escalados para lidar com essas crianças.

Através desse estudo, foi possível compreender a importância da inclusão, do processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento de crianças com SD, apesar dos obstáculos para promover uma educação digna, há pessoas engajadas e Leis que buscam garantir estes direitos a essas crianças. A partir da análise bibliográfica, foi possível perceber que a escola regular ainda há muito o que melhorar, precisam buscar maneiras de se adaptarem para receber de forma digna, compreender que a escola tem que acolhe-los e não aceita-los, pois estar na rede regular é um direito assegurado por lei, cabendo a escola buscar maneira para melhor atender as dificuldades do aluno.

REFERENCIA

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.

JÚNIOR, Jairto Vitto; LIMA, Ana Lucia. **Revista Iniciação Científica**, v. 9, n. 1, 2011, Criciúma, Santa Catarina. ISSN 1678-7706.

LIMAS, Daniel; VILLON, Elsa. Conheça a Síndrome de Down. In: **VIDA + LIVRE: Compartilhar ideias para eliminar barreiras**. 21/03/2017 às 17h05. Disponível em: ><https://vidamaislivre.com.br/especiais/conheca-a-sindrome-de-down/>< .

Luiz; Flávia et al. A inclusão da Criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Especial**. São Paulo, BDPI, V. p. 497-408,2008.

MALHEIROS, Taranto. Construindo um problema de pesquisa. In _____, **Metodologia do projeto de pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p. 39-61.

_____, o projeto de pesquisa. In: _____, **Metodologia do projeto de pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p. 65-78.

_____, Coletando dados qualitativos. In: _____, **Metodologia do projeto de pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p. 187-203.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.*, Campinas, 2012, v.10, n.1. p. 53 –66.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento os processos psicológicos superiores**.5.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.